

“SPLITTINGS”: A CONSTRUÇÃO DA SEXUALIDADE FEMININA NA POESIA DE ADRIENNE RICH

ARIANE AVILA NETO DE FARIAS¹; DANIELE GALLINDO GONÇALVES SILVA²

¹Universidade Federal de Pelotas – arianenetof@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – danigallindo@yahoo.de

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado das atividades iniciais desenvolvidas para a escrita da dissertação de mestrado. A partir do poema “Splittings” da escritora estadunidense, Adrienne Rich, pretende-se refletir acerca do sujeito feminino, sua sexualidade, desejo e as implicações desta na construção de sua subjetividade.

Para tanto, partiremos da ideia de que a literatura é o lugar onde os seres humanos encontram o melhor caminho para a imputação de sentido à vida e a si mesmo. Desta maneira, a literatura de autoria feminina faz-se uma valiosa fonte na pretensão de uma aproximação possível da maneira como se dá/deu a construção das subjetividades femininas. Tal escrita converte-se em um meio de interpretação das sensibilidades femininas e das manifestações das exterioridades públicas e privadas da mulher no decorrer da história. Interpretada por si mesma, a subjetividade feminina é construída como um processo de negociação com o mundo que a cerca e consigo mesma, suas experiências. Segundo Teresa de Lauretis, a “experiência é o processo pelo qual, para todos os seres sociais a subjetividade é constituída. Através desse processo a pessoa se coloca ou é colocada na realidade social” (DE LAURETIS, 1984, p. 159).

Tomando as palavras de De Lauretis (1984) assumiremos aqui, que é em seu movimento que a figura feminina de diferentes classes sociais e sexualidades constrói sua subjetividade, desconstruindo, gradualmente, os padrões mantidos por anos como modelos a serem seguidos. A subjetividade é, assim, reconsiderada em um tempo de grandes transformações e desafios políticos, econômicos e tecnológicos. Tais modificações acarretam em um sujeito em fluxo e em progresso, mutante, “uma composição metamórfica de fragmentos heterogêneos e desarticulados” (DALLERY, 1997, p. 54, tradução nossa). Surge um frágil indivíduo, constituído por razão e corpo; inteligência e ainda experiência.

Percebemos aqui que o eu lírico de Rich vê a possibilidade de ruptura da estabilidade determinada por uma cultura falocêntrica Ocidental e compreende as diferentes possibilidades da construção de si mesmo como sujeito, uma construção sob novos pilares.

2. METODOLOGIA

Este trabalho foi realizado a partir de uma pesquisa bibliográfica, em que estudamos a referida poesia de Adrienne Rich, bem como o aporte teórico da área estudos de gênero, teoria *queer* procurando, com isso, relacioná-los ao discurso literário. Com base nisso, acreditamos ser possível dar conta do texto literário levando-se em consideração um horizonte de possibilidades interpretativas maior ao compararmos àqueles que não utilizam dos métodos do comparativismo.

Desta forma, ao assumirmos que o trabalho de Rich aqui discutido constitui um espaço de reflexão sobre o discurso hegemônico e práticas sociais guiadas

pela cultura Ocidental, procuramos aqui articular a fala de autoras como Simone de Beauvoir, Teresa de Lauretis, Joan Scott e Susana Funck com os poemas da escritora e crítica estadunidense.

Ao olharmos para a sexualidade feminina retratada nos poemas assumiremos uma perspectiva sociológica acerca do homoerotismo, para tanto, dialogaremos com autores como Judith Butler e a própria poetisa, Adrienne Rich.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das ideias expostas acima, é perceptível que os sujeitos estão sempre se definindo diante de uma realidade pela historicidade das relações sociais. Como defendido por Scott, “uma pessoa é ‘algo’ não porque ele/a o é intrinsecamente, mas porque ele/a não é algo diferente em sua relação com o outro” (SCOTT, 1988, p. 34, tradução nossa). Desta forma, percebemos que os indivíduos são definidos diante de uma realidade construída pelo olhar do outro, pela historicidade das relações sociais, percebendo-se a qualidade interpretativa desta diante de uma análise social. O sujeito participa da construção de uma existência percebida, representada e interpretada por seus atores – que está de certa forma presente quando se nasce e, portanto constrói este em sua subjetividade. Por construção da subjetividade ou modos de subjetivação, adota-se aqui o conceito trazido por Foucault em seu livro *Ética, Sexualidade, Política*, no qual esta é vista “como o processo pelo qual nós obtemos a construção de um sujeito, mais exatamente de uma subjetividade de que nada mais é que uma das possibilidades dadas de uma organização de uma consciência de si” (FOUCAULT, 2001, p. 106). A experiência não é, portanto, algo autoevidente ou definido, é antes uma interpretação na análise social.

Se por um tempo a crença em uma relação direta entre pensamento, linguagem e o mundo perdurou trazendo noções de evidência à experiência, hoje se sabe que o sentido sempre pode ser outro e o sujeito não tem o controle daquilo que está dizendo, desaparecendo então, as relações entre os três conceitos já citados. A língua é diretamente afetada pela história. Se as diferentes identidades são perpassadas pela língua e outros elementos, essa está intimamente ligada ao social, sendo então, variável.

Novas identidades surgem desmistificando o indivíduo unificado, coerente, centrado e fixo que marcava as relações de poder, refletindo e reificando as práticas de um grupo formado por homens brancos ocidentais e heterossexuais. Deste modo, as questões concernentes à subjetividade e identidade são importantes na modificação das relações hierárquicas e de poder, sendo a figura feminina a maior privilegiada, já que durante um longo período sua identidade de gênero era fixa e fixada a partir de seu corpo biológico. O destaque dado ao sexo como a essência da representação do ser mais é do que uma ficção reguladora, que rejeita as diferentes formas de existência e aprisiona as identidades em um sistema binário (masculino/feminino), sistema este que institui hierarquias e relações assimétricas de poder.

Noções sobre a sexualidade feminina modificaram-se com o tempo. Com a repressão à verdade íntima do desejo feminino, uma identidade sexual genuína ou autêntica, não era vista. Como Funck salienta em seu ensaio “*Sexuality: Subverting the Absolutism of the Tradition*” “com o passar dos anos, muitos dos antigos padrões e controles foram desafiados, assim, a sexualidade toma um espaço muito maior nos debates públicos” (FUNCK, 1998, p. 16, tradução nossa). Se no início do século XX o sexo era taboo, na segunda metade tudo muda e o

feminino já não parece mais uma noção estável, sendo seu significado problemático.

Em uma cultura patriarcal ocidental a sexualidade feminina foi, por longo tempo, oprimida sendo regulada pelo poder masculino, desta maneira, sem o poder, a mulher não podia decidir seu próprio caminho, vivendo de acordo com os padrões masculinos. Em tal estrutura social, sua sexualidade era do masculino que a usava sem a menor cerimônia. Beauvoir em *O Segundo Sexo* (1980) assevera que o corpo feminino, até a primeira metade do século XX, foi marcado no discurso masculinista, pelo qual o corpo masculino, em sua fusão com o universal, permanece não marcado, enaltecendo o gênero masculino com o portador de uma personalidade universal. Por fim, ela ainda propõe que o corpo feminino deveria ser a situação e o instrumento da liberdade da mulher, e não uma essência definidora e limitadora.

Assim, de acordo a autora Arleen Dallery é possível dizer que a sexualidade da mulher excede a experiência da heterossexualidade, ou seja, “a sexualidade feminina não é única, mas plural” (DALLERY, 1997, p. 90, tradução nossa). Surge uma nova escrita do corpo feminino longe daquela criada por uma cultura masculina. Com a derrubada da heterossexualidade compulsória inaugura-se um verdadeiro humanismo da “pessoa”, livre dos grilhões do sexo. Deste modo, o sexo é entendido por diversos caminhos.

Ao olharmos mais atentamente para a teoria trazida por Rich, em seu trabalho *Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence* (1980), passa-se assim, a existir um “lesbian continuum”, que confirma que o desejo entre duas mulheres, ultrapassa a ideia primária da pura experiência genital, configurando-se como uma forma de luta contra a opressão masculina e de resistência a deveres femininos impostos como o casamento e a maternidade. O lesbianismo para Rich é “uma forma de oposição ao patriarcado, um ato de resistência” (RICH, 1980, p. 52, tradução nossa). Parece que “a lésbica” emerge como um terceiro gênero, prometendo transcender a restrição binária ao sexo, imposta pela heterossexualidade binária.

Para Butler, sob o nome de lésbica, o sujeito, com seu atributo de autodeterminação, parece ser a reabilitação do agente da escolha existencial, “o advento de sujeitos individuais exige, em primeiro lugar, que se destruam as categorias de sexo [...] a lésbica é o único conceito que conheço que está além das categorias de sexo” (BUTLER, 2003, p.43). Para a mesma autora “se o desejo pudesse libertar a si mesmo, nada teria a ver com a marcação preliminar pelo sexo” (BUTLER, 2003, p.45).

Desta forma, a essência da presente pesquisa é mostrar a construção do eu feminino na poesia de Rich, que após um período de completa submissão parece perceber suas múltiplas facetas, recusando-se a ser mero objeto de desejo masculino e assumindo amor pelo mesmo sexo.

4. CONCLUSÕES

A reflexão proposta no presente trabalho baseia-se na ideia de que com a crescente discussão sobre a sexualidade e o processo de construção da subjetividade feminina promove-se, não só uma nova percepção de mundo, mas uma mudança no quadro de referências e critérios, na avaliação de fenômenos sociais.

A análise da situação feminina no trabalho de Rich prove uma reflexão sobre a organização da identidade (subjetividade), oferecendo indicadores para a expansão de tal estudo. Não são apenas propostos novos paradigmas para a

valorização da experiência da mulher, mas ainda, uma desconstrução da assimetria masculino/feminino, trazendo à tona novos questionamentos da construção desta identidade.

Nesta perspectiva, está inserida uma experiência feminina que habilita a emergência de um “eu” multifacetado que surge produção literária onde as discussões sobre os problemas referentes a representação da mulher inclui a ética, história e ainda, questões sociais, exemplos presentes nos poemas de Adrienne Rich.

Com isso pode-se dizer que a expectativa aqui é a de que tal estudo contribua para o aperfeiçoamento da reflexão sobre a subjetividade feminina e a construção de gênero. Pela consciência de elementos-chave na transformação e na reescrita da realidade feminina, o processo visto na análise dos livros ajuda no delineamento do papel social e a responsabilidade feminina diante de sua sociedade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**, volume 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DALLERY, Arleen B. **A política da escrita do corpo: *écriture feminine***. In: JAGGAR, Alison.; BORDO, Susan R. *Gênero, corpo, conhecimento*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, p. 62-78, 199.

FOUCAULT, Michel. **Ética, Sexualidade e Política**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2004.

FUNCK, Susana Bornéo. **The Impact of Gender on Genre: Feminist Literary Utopias in 1970s**. Monografia (Pós-Graduação em Inglês) – UFSC, Florianópolis, 1998.

LAURETIS, Teresa de. **A tecnologia do gênero**. In: HOLLAND, B.H. *Tendências e Impasses: o feminismo como a crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

RICH, Adrienne Cecile. **Adrienne Rich's poetry and prose: poems, prose reviews, and criticism**. Selected and Edited by Barbara Charlesworth Gelpi. New York: W. W. Norton & Company, 1993.

RICH, Adrienne Cecile. **Compulsory heterosexuality and lesbian existence**. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, University of Chicago, v. 5, n. 4, p. 631-660, 1980.

SCOTT, Joan. **Deconstructing equality vs. difference: or, the uses of poststructuralist theory for feminism**. *Feminist Studies*, p. 33-50, 1988.